

# A ARTE NA HISTÓRIA: PARA UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR EM SALA DE AULA

**Autora**

Carina Mallmann\*

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo fazer em breve relato histórico da arte, principalmente da pintura e da fotografia, sua evolução e desenvolvimento, até ser considerado uma fonte de pesquisa histórica, considerando a importância do uso das obras de arte como recurso didático, nas aulas de História.

**Palavras-chave:** Arte. História. Fotografia. Pintura. Interdisciplinaridade.

## 1 INTRODUÇÃO

A arte faz parte da vida humana antes mesmo da escrita. Portanto, antes mesmo de ser considerada História, numa pré-definição de tempo e espaço, a arte já ocupava seu lugar bem definido na pré-história. Um lugar fundamental para o convívio e sobrevivência daquela espécie de homínido que habitava o nosso planeta Terra, mais precisamente, o continente africano. Foi através desse tipo de comunicação que a relação entre homem e natureza ficou garantida, superando as dificuldades adversas que surgiam, até chegarmos ao auge da evolução, o Homo Sapiens-sapiens: um ser que, hoje em dia, comunica-se com uma facilidade e uma velocidade incrível, que não mais enfrenta os perigos de uma caçada, mas sim, os desafios da tecnologia, da era digital. Um ser que aprende a conviver sozinho e, ao mesmo tempo, tendo um status numa rede social de amigos na Internet, mas que, a milhões de anos atrás, dependia do seu grupo, da coletividade, para sobreviver.

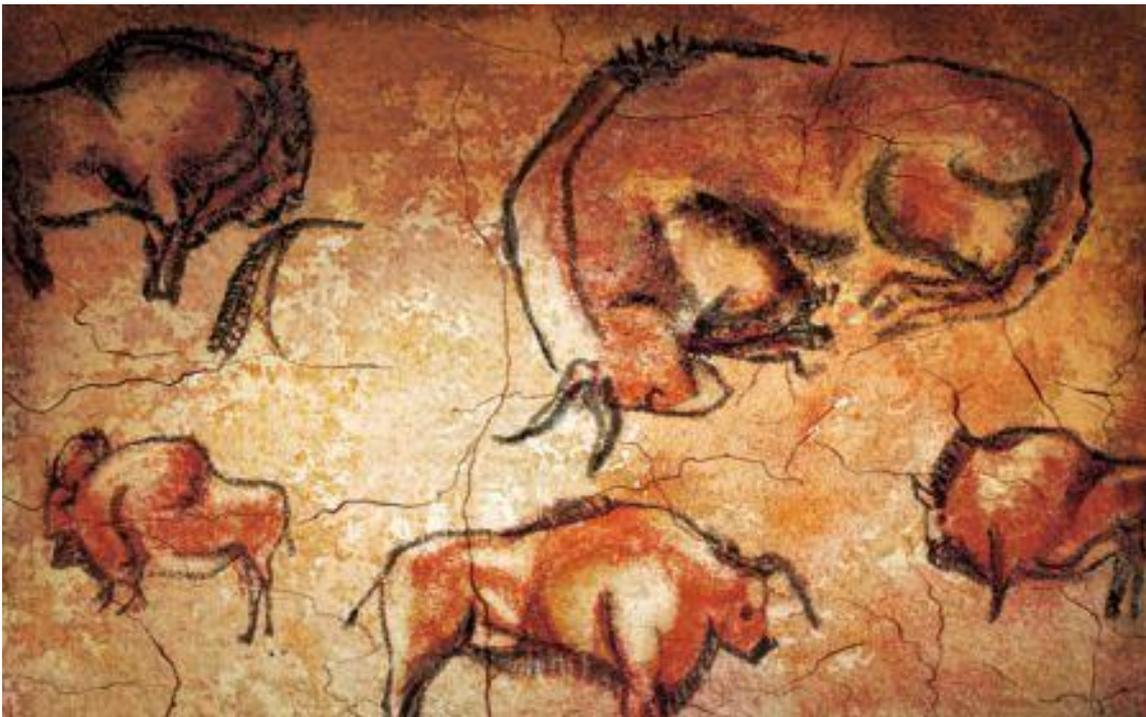
---

\*Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Feevale; Pós-graduanda em Educação para a Diversidade pela UFRGS; professora da Rede Municipal de Dois Irmãos, Rio Grande do Sul.

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"

Pois era através da pintura nas paredes de uma caverna que o homem comunicava-se e relacionava-se com os outros. Na pintura, idealizavam os seus pensamentos, seus instintos; planejavam os rituais da caça, simbolizavam o mundo feminino e masculino. Hoje, essas pinturas, essas obras de arte primitivas, são importantes instrumentos de pesquisa para historiadores, arqueólogos e antropólogos. E, por que não o são para estudiosos da arte? Alguém dessa área do conhecimento, com pretensão tamanha, já investigou, digo, já observou, contemplou, já usou de sua percepção, sensibilidade e fruição para apreciá-la esteticamente? Perguntamos, colocando à disposição duas gravuras para reflexão:



**Figura 1 - Pintura rupestre em Altamira (Espanha)**

Fonte: Google Imagens



**Figura 2 - Pintura na Caverna de Patagônia (Argentina)**

Fonte: Google Imagens

## **2 A INTERDISCIPLINARIDADE NAS AULAS DE HISTÓRIA**

Portanto, vê-se que a Arte está ligada à História desde muito cedo e intimamente ligada a nossa própria história de vida, enquanto pessoa humana na sua conquista. Basta lembrar da nossa infância, quando a primeira coisa que fizemos, com um lápis na mão, foi desenhar. Só depois, com o desenho bem definido (conforme os níveis de Piaget), que começamos a escrever. Na atualidade, a grande discussão pedagógica é a questão da alfabetização e do letramento. O letramento consiste em conhecer as imagens ao seu redor, fazer a leitura de mundo e interar-se dele, reconhecendo que isso é comunicação. A alfabetização, daí sim, é partir para a comunicação escrita. Tudo isso nos leva a acreditar e a perceber quanto do nosso conhecimento depende da interpretação visual, e quão importante, novamente, são as imagens.

Mas o problema da questão artística, da leitura de uma obra de arte, está na interpretação. Cada um interpreta da maneira que lhe é mais conveniente,

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"



dependendo do momento emocional ou da situação racional em que se encontra o indivíduo, seja ele um leigo ou um estudioso. Contudo, essa relação está concordando com a interpretação, ou com a ideia que o artista teve ao iniciar a sua obra? Assim, já pudemos antever, através das pinturas rupestres, que a arte pode ser objetiva ou subjetiva. Portanto, para melhor compreender a importância da arte, faz-se necessário um resgate, numa visão mais histórica, da própria arte, em duas técnicas mais usadas, ao ver da autora: a pintura e, cronologicamente, a fotografia.

Na pintura, então, o homem vem desenvolvendo essa técnica desde a pré-história, e quando o período da História iniciou, com a invenção da escrita, este homem não deixou de representar e de se comunicar através da arte. Como podemos ver:

Seria realmente difícil escrever sobre a pré-história europeia, por exemplo, sem a evidência das pinturas das cavernas de Lascaux e Altamira, ao passo que a história do Egito seria imensuravelmente mais pobre, sem o testemunho das pinturas nos túmulos. Em ambos os casos, as imagens oferecem virtualmente a única evidência de práticas sociais tais como a caça. [...] O uso de imagens, em diferentes períodos, como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informação ou de oferecer prazer, permite-lhes testemunhar antigas formas de religião, de conhecimento, de crença, de deleite, etc. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas (BURKE, 2004, p. 12,13 e 17).

Para muitos artistas, a arte foi uma ferramenta para representar o imaginário, um refúgio, mas, ao mesmo tempo, dar indícios da realidade daquela época em que ele estava inserido, não deixando de se sensibilizar pelo que estava acontecendo a sua volta. Por isso uma pintura pode ser objetiva em sua visualidade, mas subjetiva em sua interpretação, nos seus detalhes. Principalmente, se obra de arte não é atual e não há como questionar o artista sobre o seu trabalho.

Um método muito usado pelos historiadores da arte é a Iconologia ou a Iconografia: a interpretação de imagens através de uma análise de detalhes, seguindo três níveis de descrição, dos significados natural, convencional e

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"

intrínseco. Porém, segundo o Historiador Peter Burke, a iconografia só seria satisfatória se abrangesse mais três enfoques: da psicanálise, da semiótica e da história social da arte. A produção artística, isto é, pictórica, ao longo da nossa História, é ampla e complexa. Portanto, não podemos nos embasar somente no que estamos vendo para termos certeza de sabermos a interpretação correta. A base é a pintura, mas precisamos de todo um suporte, que é a História.

Os acessórios representados junto com os modelos geralmente reforçam as auto-representações. Esses acessórios podem ser considerados como 'propriedades' no sentido teatral do termo. Colunas clássicas representam as glórias da Roma Antiga, ao passo que cadeiras semelhantes a tronos conferem aos modelos uma aparência de realeza. Certos objetos simbólicos referem-se a papéis sociais específicos. [...] Algumas dessas convenções sobreviveram e foram democratizadas na era do retrato de estúdio fotográfico, a partir da metade do século 19. Camuflando as diferenças entre classes sociais, os fotógrafos ofereciam aos seus clientes o que foi chamado de 'imunidade temporária em relação à realidade'. Sejam eles pintados ou fotografados, os retratos registram não tanto a realidade social, mas de ilusões sociais, não a vida comum, mas performances especiais (BURKE, 2004, p. 32, 34, 35).



**Figura 3 - Retrato de Arnolfini: Signos, e o pintor como testemunha ocular  
Jan Van Eyck, 1434  
Fonte: Google Imagens**

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"

Assim como vimos, a pintura pode nos revelar indícios históricos, ou simplesmente ser uma obra de apreciação estética, por exemplo, de uma paisagem. Essa interpretação também ocorre na fotografia. Criada após a Revolução Industrial, juntamente com outras grandes invenções, a fotografia era para poucos: fotógrafos e fotografados. Feita em estúdio, tinha a pretensão de que aquele momento ficaria eternizado, gravado no tempo e no espaço. Mas nada além disso, exceto o profissionalismo e precisão do fotógrafo, com conhecimento no uso da luz e sombra, perspectiva, pose, fundo, detalhes da situação. Algo frio, estático, com cenário e figurinos preparados para aquele local, aquela pessoa. Nada que pudesse ser acrescentado à História, pois era algo criado, fantasiado propositalmente. Contudo, a fotografia tirada de um daguerreótipo deu lugar à máquina recarregável com o rolo de filme, e tornou-se mais popular, sendo que as classes menos favorecidas se sujeitavam à nova tecnologia. Na atualidade, para acompanhar a velocidade da evolução, surgiu a câmera digital, até mesmo de um telefone celular podemos congelar momentos. Observa-se, porém, uma inversão de papéis, em que os sujeitos tornaram-se protagonistas de sua própria história: o profissional fotógrafo foi deixado de lado porque, agora, quem comanda o *clic* do momento, é o fotografado:

A transformação da fotografia em fenômeno de massa altera radicalmente as concepções vigentes. A "grande fotografia" e seus esquemas pictóricos são rapidamente marginalizados diante de um novo conceito de "qualidade", indissolavelmente ligado à "quantidade". Cada vez mais a fotografia se distancia da esfera unicum, de preocupações estéticas alheias a seu código, apesar da persistência da vertente pictórica, abrindo-se a novas possibilidades, como a ilustração de jornais e revistas, que começa a delinear-se no final do século (FABRIS, 2008, p. 22).

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"



**Figura 4 - Fotografia de daguerreótipo em estúdio (arte mecânica).**  
Fonte: Google Imagens.

A partir de então, a fotografia passa a ter um objetivo, mesmo que inconsciente: registra momentos mais precisos de uma época, por vezes, revelando detalhes da História que não está escrita para determinados personagens. Daí, como na pintura rupestre, ela passa a ser vista com outros olhos, sendo a mesma lente a fotografar, mas sobre outra perspectiva. O fotógrafo é, sim, um profissional, mas está além de um estúdio fechado, aquém dos acontecimentos da sociedade que não está camuflada por um *fotoshop*. É uma pessoa que se sensibiliza e registra a estética dos valores, através da foto documental. Esta tem grande importância para a História, visto que reconstrói o imaginário dos fatos fragmentados pelo cotidiano. Atenta à diferença entre uma foto que expõe a banalidade, a especulação e até à vulgaridade de uma situação que não acrescenta em nenhum aspecto o real sentido da arte de fotografar. Como nos propõe José de Souza Martins:

A fotografia que expressa e documenta o momento decisivo chega à Sociologia com um quadro visual de referência que é em si interpretativo, com o deciframento da imagem já proposto esteticamente, socialmente dimensionado, na tensão entre obra fotográfica e a imagem fotográfica. O

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"

flagrante é o acaso; o momento decisivo é uma construção, uma espera elaborada, esteticamente definida (MARTINS, 2008, p.61).

A partir de então, chamamos a atenção para um fotógrafo documental brasileiro, mas reconhecido no mundo todo por seu trabalho, Sebastião Salgado. Como acadêmica em História e, praticamente leiga em Artes, impressionou a autora a estética de suas fotos, a precisão de tempo e espaço que se localizam as imagens, o fundo social e histórico em que elas se inserem e pedem por reflexão. Antes de servir como documento histórico, aliado às outras fontes, a fotografia é uma obra de arte por apresentar uma beleza simples, mas instigante, perturbadora e misteriosa, por seu jogo de luz e sombra. E entramos em contradição ao analisá-las. É o cotidiano, talvez o imaginário para muitos que desconhecem essa realidade, mas não é o banal, pois tem sentido e uma definição pré-estabelecida. O momento não foi proposto voluntariamente, é a superação dos desafios, das dificuldades por que passam as pessoas, todos os dias. Mas as circunstâncias para que ele estivesse naquele lugar, para registrar tal momento, exige profissionalismo e exatidão perfeitos, em que não se misturam a sua pessoa na condição humana e solidária, com o artista realizando o seu trabalho:

A exposição de Sebastião Salgado era na verdade um panorama sobre beleza da condição humana nas condições de adversidade extrema: um terremoto, a desorganização social, as migrações, a miséria, a intolerância política, as guerras étnicas, a ambição, a alienação e o desespero como se expressam como sede de capitalismo, o capitalismo como refúgio. A fotografia de Salgado transforma o enorme sofrimento, que essas condições causam, num belíssimo manifesto visual sobre a esperança. [...] Mas nem por isso deve-se desconhecer sua inevitável preocupação estética, ainda que espontânea, no ato de fotografar e no ato de escolher as fotos para uma exposição ou um livro (MARTINS, 2008, p. 98, 99).

Portanto, as fotos mostram uma dura realidade, mas são suavizadas pela beleza que tem, pelo olhar das crianças que foram fotografadas, na sua inocência, embora também sintam as crueldades da sociedade atual. O que podemos compreender, então, a exposição, ou até mesmo a interpretação de uma imagem,

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

*"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"*

estética, histórica ou socialmente, não está restrita a uma classe social ou intelectual. Todos são convidados a fazer a sua observação, a sua leitura de mundo, inclusive as crianças. Já passou o tempo em que as crianças eram tiradas da sala e tinham que ficar no quarto submissas e alheias aos assuntos de adultos. Hoje, as crianças tem vez e voz, têm percepção e até muito mais velocidade, dinâmica e facilidade em manusear os aparelhos da era digital. E, como têm acesso às informações com mais liberdade e sem limite; aspecto esse perigoso e obrigatoriamente discutível, elas são capazes de compreender as questões sociais, sensibilizarem-se e avaliarem a situação:

As crianças não acharam interessantes as fotos da exposição sobre crianças, ali ao lado, mas ficaram muito impressionadas com as fotos da exposição principal *Êxodos*. Nessa parte da exposição, o que impressionara mais? 'Tanta gente morta sem ninguém com elas,' respondeu um menino. Ele estava se referindo, provavelmente, aos massacres étnicos de Ruanda. Eis o ponto: o olhar das crianças foi golpeado pela solidão na hora da morte. Elas não sabiam, mas estavam expressando um dos valores mais fortes da nossa cultura ibero-americana: a sociabilidade comunitária da morte, a co-responsabilidade dos vivos pelo destino dos que partem para sempre. Nenhum abandono é maior, nenhuma injustiça é maior (MARTINS, 2008, p. 101).



**Figura 5 – O que te impressiona e sensibiliza mais? A situação ou as vítimas?**

**Série *Êxodos*: Bombaim, Índia, 1995 Sebastião Salgado**

**Fonte: Google Imagens**

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"



**Figura 6 - Retrato de Crianças do Êxodo: Filipinas, 1999, Sebastião Salgado**  
Fonte: Google Imagens

Contudo, se as crianças de hoje já têm essa visão de mundo, sensibilizam-se com questões que não são as vividas por elas, mas que por isso sabem diferenciar os valores de uma cultura para outra, por que não usar a fotografia e a pintura como recurso didático-pedagógico em sala de aula? Claro que sempre devemos partir da realidade do aluno, mas, como professor, temos a obrigação e a liberdade de apresentar a eles outros modos e situações de vida, para que saibam comparar, ter um posicionamento crítico, enfrentar os problemas e mudar a sua realidade. Nesse momento, já não falamos mais em oferecer uma obra de arte, seja fotografia ou pintura, somente para apreciação estética, mas sim, pesquisar historicamente o que levou o artista a criar e desenvolver tal obra. Porém, devemos observar e ter a sensibilidade de escolher determinada obra para específica idade/ano. Daí entra a objetividade ou a subjetividade da obra.

Partindo desse pressuposto, as crianças constroem seu conhecimento através do concreto e do lúdico, portanto, uma obra objetiva. Os adolescentes já são mais abstratos, pela própria fase por que passam, de questionamentos, rebeldia,

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

*"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"*

emoções... portanto, subjetiva. Ao mesmo tempo em que estamos abrindo espaço para apreciação e, após criação artística, estamos desenvolvendo a sua localização de tempo e espaço na história e, também, o seu lado crítico, já que muitas obras revelam o seu âmbito social, como foi anteriormente comentado.

Sem conhecimento de Arte e História não é possível a consciência de identidade nacional. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos (BARBOSA, 1998, p. 33).

É o que chamamos de interdisciplinaridade em sala de aula. Nos dias de hoje, em que os meios de comunicação e de multimídia são mais atrativos, temos que usar dessas ferramentas para que as aulas sejam mais criativas, dinâmicas e os alunos tenham o rendimento esperado. Temos de ser flexíveis e não produzir conhecimento através de gavetas, como dizia Paulo Freire. Até podemos fazer a pesquisa histórica das obras, sua visualização e visitas a museus interativos. E por que não oportunizar uma aula de pintura e fotografia, numa releitura de determinadas obras?! É isso que deve ser feito: envolver o aluno na construção de seu conhecimento, trabalhando a sua criatividade também.

O papel do professor de História é revelar ao aluno não só os fatos de heróis, pessoas importantes, mas também que ele seja capaz de identificar as classes menos favorecidas, mas que tiveram grande importância no progresso de uma sociedade, através de seu trabalho, de suas ideias, de movimentos contra as injustiças e a favor de dignidade, por uma vida melhor. Fazer ele perceber a sua realidade e ter orgulho de sua história.

A História local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência. [...] A questão da memória impõem-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem os 'lugares de memória', expressos por

monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico (BITTENCOURT, 2009, p. 168, 169).

A memória de uma história local também pode estar representada e documentada através da fotografia e da pintura. Numa aula interdisciplinar de História e Arte, podemos fazer uso de fotos antigas, mas podemos também conhecer as pinturas de um artista da nossa região, que retrata os habitantes do interior em sua rotina: no trabalho na roça, nas brincadeiras de criança, nas migrações para a cidade. O artista: Flávio Scholles. Um artista que já morou em vários países do exterior, viajou o mundo inteiro, mas sua identidade está aqui, no Brasil, no Rio Grande do Sul, na região do Vale do Sinos. Ele representa a sua memória, a sua infância no meio rural, a sua partida para a cidade em busca de estudos, emprego, uma vida melhor. Mas retornou a sua origem, a sua história local.



**Figura 7 - Menino fazendo carrinho de lomba, Flávio Scholles**  
Fonte: Google Imagens

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"



**Figura 8 - Colheita, Flávio Scholles**  
Fonte: Google Imagens

Portanto, a História só faz sentido para os alunos quando eles conseguem se identificar com os personagens que estão sendo apresentados e estudados. Os mais importantes acontecimentos históricos, como as revoluções, nasceram de uma classe que não estava satisfeita com a situação. Lembrando que revolução pode não ser uma guerra, mas uma mudança de ideias, de conceitos, de tratamento. E, nada melhor do que a arte para visualizar os fatos. Percebemos, então, que o estudo das artes como parte de um documento histórico, tanto pela forma de pensar e olhar o mundo do artista, quanto pelo que ele se propõe a pintar ou fotografar. Esses aspectos do cotidiano estão tomando espaço na História, principalmente quando se trata em construir certo conhecimento com os alunos. Longe da História Positivista e Marxista, a História das Mentalidades ou História da Cultura abrange um contexto que não era passado antigamente, que expõe a sociedade como um todo, e não apenas alguns personagens. Trabalhar com a História das mentalidades é trabalhar a interdisciplinaridade em sala de aula, pois envolve mais do que datas e fatos, que praticamente os alunos decoravam, mas não entendiam. É a

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

*"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"*

compreensão do ser, em suas atitudes, como indivíduo e como parte integrante de uma sociedade norteada em seus valores políticos, culturais e sociais.

Na compreensão da História estão gravadas todas as modificações do espírito humano que se tornam apreensíveis a partir do momento em que os homens não esqueçam a necessidade da ação do esforço imaginativo e do discernimento crítico com relação ao uso das fontes históricas. É por esse espaço que começamos a enxergar a relação inevitável entre interdisciplinaridade, experiência estética e ciências humanas (BAIRON, 2002, p. 137).

Por fim, como educadores, podemos e devemos ter uma aula mais interdisciplinar, de maneira a abrir possibilidades de conhecimento aos alunos que, às vezes, não terão em outras oportunidades. Como se oferecêssemos uma nova visão de mundo a partir do olhar dos educandos. Falamos, aqui, em específico, sobre a arte, que por vezes sofre uma "discriminação social". Mas é algo involuntário, visto que só a classe dominante tem acesso. Ilusão! Todos têm o mesmo direito de usufruir desse prazer e abastecer a alma, a mente e o coração. Só é preciso interpretar a sua maneira, criticar e fruir. Basta querer.

Para entendermos melhor as propostas interdisciplinares é prudente situarmos o conceito de horizonte em Gadamer: Horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que é visível desde um determinado ponto. Aplicando-o à consciência pensante devemos falar dos limites do horizonte, da possibilidade de ampliar o horizonte, da abertura de novos horizontes (BAIRON, 2002, p. 146).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ampliar horizontes... esse é o objetivo de todo professor mediante seus alunos. E foi com essa pretensão, No estágio em História no Ensino Médio, que foi aplicada a interdisciplinaridade na prática da autora. Adolescentes do segundo ano noturno, trabalhadores de indústria de calçados. O assunto a ser trabalhado:

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"

Revolução Industrial. Portanto, para quem faz parte dessa revolução no dia a dia, os próprios alunos foram os personagens da História.

Além de resgatar onde tudo começou, quando e as causas, os alunos foram levados a refletir sobre esse assunto tão pertinente para eles, através da arte. Muitos deles vêm para a aula cansados de uma jornada de trabalho e não se concentram mais nas atividades. Então, como uma forma de assimilar o conteúdo e fazê-los se sensibilizar através das consequências da Revolução, foram apresentadas as obras do artista Flávio Scholles e do fotógrafo Sebastião Salgado, ao som da música "Fábrica" da Legião Urbana. Uma música contestadora, fazendo com que os alunos tivessem um olhar mais crítico e reflexivo sobre as obras. Talvez, entre quatro paredes de uma fábrica, os alunos não tenham noção da disparidade social e econômica causada no mundo inteiro. Às vezes eles só enxergam ao seu redor e reclamam, sem se dar conta da gravidade da situação para as outras pessoas, principalmente, quando não têm emprego, e são obrigadas a sair de casa, passando fome. A leveza das obras de arte mostra a dureza da vida.

Portanto, retomando a linha do horizonte, porque não abrir novos horizontes? Porque estamos sempre presos à mesma linha de conteúdos e recursos? Devemos partir para novas descobertas, novas técnicas e parcerias. Esse é o primeiro passo para quem serve de exemplo aos menos experientes, a quem está aprendendo a olhar o seu horizonte e desafiá-lo a colocar mais cores na sua tela. As cores da mudança e do encantamento na sua obra de arte.

**REFERÊNCIAS**

BAIRON, Sérgio. **Interdisciplinaridade** - Educação, história da cultura e hipermídia. São Paulo: Editora Futura, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História** - fundamentos e métodos. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular** - História e Imagem. Bauru, SP: Edusc, 2004.

FABRIS, Annateresa. **Fotografia** – Usos e funções no século XX. São Paulo: Edusp, 2008.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

GOOGLE Imagens. Acesso em: 27 jun. 2011.